

PRIMEIRAS TROVAS
BURLESCAS DE GETULINO
(volume I)

Luiz Gama

**PRIMEIRAS TROVAS
BURLESCAS DE GETULINO**
(volume I)



Gama, Luiz, 1830-1882.

Primeiras trovas burlescas de Getulino: volume I / Luiz Gama. –
1ª ed. – CDP, 2023.
105 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-71279-7

1. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção.

CDD-869.91

PRIMEIRAS TROVAS BURLESCAS DE GETULINO

Copyright © 2023 OBRA EM DOMÍNIO PÚBLICO

CDP – Coleção Domínio Público

Capa: gerada por IA.

Edição e revisão: Warley Matias de Souza.

SUMÁRIO

7	Coleção Domínio Público
8	O autor
9	A obra
11	Prótase
14	Lá vai o verso!
17	Junto à estátua
21	Sortimento de gorras
27	O velho namorado
34	No álbum
39	O gamenho
41	Mote
42	A um fabricante de pílulas
43	Ao mesmo
44	Arreda que lá vai um vate!
46	A pitada
53	O balão
64	A um fabricante de pílulas
69	A um nariz
72	Uma orquestra
79	O grande curador do mal das vinhas
83	Pacotilha
89	Coleirinho
91	Retrato
92	A um vate enciclopédico
95	No álbum

100	A uns colarinhos
103	Serei conde, marquês e deputado
105	Notas

COLEÇÃO DOMÍNIO PÚBLICO

A Coleção Domínio Público tem o objetivo de resgatar escritores e escritoras do passado, esquecidos(as), pouco divulgados(as) ou atualmente não publicados(as).

Em relação aos critérios de seleção das obras, para nós basta que as mesmas estejam em domínio público e que os(as) autores(as) sejam desconhecidos(as) ou pouco conhecidos(as) pelo grande público leitor.

Quanto à qualidade das obras, cabe ao(à) leitor(a) julgar. A nossa função é disponibilizá-las, com qualidade de diagramação e revisão, e não deixar que sejam esquecidas definitivamente.

O AUTOR¹

Luiz Gama nasceu em 21 de junho de 1830, na Bahia. Era filho de um português e de Luíza Mahin, mulher preta e livre, que participou de algumas revoltas contra a escravidão. Porém, apesar de ter nascido livre, o menino foi vendido como escravo pelo pai, em 1840, e levado para o Rio de Janeiro, onde se tornou propriedade do alferes Antônio Pereira Cardoso.

Anos depois, em 1847, aprendeu a ler e a escrever com a ajuda do estudante Antônio Rodrigues de Araújo. Assim, no ano seguinte, o escritor fugiu para viver em São Paulo. Ali, alistou-se na Força Pública da Província, tornando-se cabo. Mas, em 1854, por responder aos insultos de um oficial, foi expulso por insubordinação.

Além disso, iniciou o curso de Direito em 1850, na hoje Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Mas foi hostilizado por alguns professores e alunos, já que era um homem preto. Não conseguiu terminar o curso e se tornou um rábula (exercia a advocacia, mesmo sem diploma). E, assim, defendeu juridicamente várias pessoas escravizadas.

Na década de 1860, trabalhou também como jornalista. Era, obviamente, um abolicionista. Em 1869, foi um dos fundadores do jornal *Radical Paulistano*. Como advogado, libertou entre 500 a 1.000 pessoas escravizadas. É de Gama a defesa de que “ao matar seu senhor, o escravo agia em legítima defesa”.

O poeta faleceu em 24 de agosto de 1882.

A OBRA

Os poemas da obra *Primeiras trovas burlescas de Getulino* possuem caráter satírico. Por meio deles, Luiz Gama critica a aristocracia e os poderosos de seu tempo. Mas não só, também critica negros que se acham brancos e menosprezam seus iguais. O autor também condena a escravidão nessa obra publicada, pela primeira vez, em 1859.

Apesar de Luiz Gama, cronologicamente, ser da mesma geração do poeta ultrarromântico Álvares de Azevedo, o livro *Primeiras trovas burlescas de Getulino* apresenta características mais condizentes com a terceira geração romântica, dado o seu caráter realista.

Decidimos publicá-lo em dois volumes, sendo este o primeiro deles. No mais, a presente edição é originária da publicação referenciada a seguir: GAMA, Luiz. *Primeiras trovas burlescas de Getulino*. 3. ed. São Paulo: Tipografia Bentley Júnior & Companhia, 1904.

Contudo se os vir alguém
Que deles zombe, e de mim,
Defende-me, e dize assim:
Cada qual dá o que tem.

F. X. de Novaes.

Curvar a fronte e submisso beijar
as mãos do benfeitor amigo.

A. Ferreira.

A seu Protetor e Amigo o Ilmo. e Exmo. Sr. Desembargador Dr.
F. M. S. Furtado de Mendonça, Decano da Faculdade de Direito
da Cidade de S. Paulo, Membro do Instituto da Ordem dos Advogados, e de outras muitas associações científicas.

O. D. C. como mesquinha prova de profundo reconhecimento, o
seu humilde servo L. G. Pinto da Gama.

PRÓTASE

Embora um vate canhoto
Dos loucos aumente a lista,
Seja Cisne ou gafanhoto,
Não encontra quem resista
Dos seus versos à leitura
Que diverte, inda que é dura!

F. X. de Novaes.

No meu cantinho,
Encolhidinho,
Mansinho e quedo,
Banindo o medo,
Do torpe mundo,
Tão furibundo,
Em fria prosa
Fastidiosa —

O que estou vendo
Vou descrevendo.
Se de um quadrado
Fizer um ovo
Nisso dou provas
De escritor novo.

Sobre as abas sentado do Parnaso,
Pois que subir não pude ao alto cume,
Qual pobre de um Mosteiro à Portaria,
De trovas fabriquei este volume.

Vazias de saber, e de prosápia,
Não tratam de Ariosto ou Lamartine
Nem recendem as doces ambrosias
De Lamiras famoso ou Aritine.

São ritmos de tarelo, atropelados,²
Sem metro, sem cadência e sem *bitola*
Que formam no papel um zigue-zague,
Como os passos de rengo manquitola.

Grosseiras produções d'inculta mente,
Em horas de pachorra construídas;
Mas filhas de um bestunto que não rende
Torpe lisonja às almas fermentidas.

São folhas de adurente cansação,
Remédio para os parvos d'excelência;
Que aos arroubos cedendo da loucura,
Aspiram do *poleiro* alta eminência.

E podem colocar-se à retaguarda
Os venerandos sábios de influência

Que o trovista respeita submisso.
Honra, pátria, virtude, inteligência.

Só corta, com vontade nos malandros
Que fazem da Nação seu Montepio;
No remisso empregado, *sacripante*
No lorpa, no peralta e no vadio.

À frente parvalhões, heróis Quixotes,
Borrachudos *Barões* da traficância;
Quero ao templo levar do grão Sumano
Estas arcas pejudas de ignorância.

LÁ VAI VERSO!

Quero também ser poeta,
Bem pouco, ou nada me importo
Se a minha veia é discreta,
Se a via que sigo é torta.

F. X. de Novaes.

Alta noite, sentindo o meu bestunto
Pejado, qual vulcão de flama ardente,
Leve pluma empunhei, incontinente
O fio das ideias fui traçando.

As Ninfas invoquei para que vissem
Do meu estro voraz o ardimento;
E depois revoando ao firmamento,
Fossem do *Vate* o nome apregoando.

Oh Musa de Guiné, cor de azeviche,
Estátua de granito denegrido,
Ante quem o Leão se põe rendido,
Despido do furor de atroz braveza;
Empresta-me o cabaço *d'urucungo*,
Ensina-me a brandir tua marimba,
Inspira-me a ciência da *candimba*,
Às vias me conduz d'alta grandeza.

Quero a glória abater de antigos vates,
Do tempo dos heróis armipotentes;
Os Homeros, Camões — aurifulgentes,
Decantando os *Barões* da minha Pátria!
Quero gravar em lúcidas colunas
Obscuro poder da parvoíce,
E a fama levar da vil sandice
Às longínquas regiões da velha Bácia!

Quero que o mundo me encarando veja,
Um retumbante *Orfeu de carapinha*,
Que a Lira desprezando, por mesquinha,
Ao som decanta de Marimba augusta;
E, qual outro Árion entre os Delfins,
Os ávidos piratas embaindo —
As ferrenhas palhetas vai brandindo
Com estilo que preza³ a Líbia adusta.

Com sabença profusa irei cantando
Altos feitos da gente *luminosa*,
Que a trapaça movendo portentosa
À mente assombra, e pasma à natureza!
Espertos eleitores de *encomenda*,
Deputados, Ministros, Senadores,
Galfarros Diplomatas — chuchadores,
De quem reza a cartilha da esperteza.

Caducas Tartarugas — desfrutáveis,
Velharrões tabaquentos — sem juízo,
Irrisórios fidalgos — *de improviso*,
Finórios traficantes — *patriotas*;

Espertos maganões *de mão ligeira*,
Emproados juizes de *trapaça*,
E outros que de honrados têm *fumaça*,
Mas que são refinados agiotas.

Nem eu próprio à festança escaparei;
Com foros de *Africano fidalgote*,
Montado num *Barão* com ar de zote —
Ao rufo do tambor e dos zabumbas
Ao som de mil aplausos retumbantes,
Entre os netos da Ginga, meus parentes,
Pulando de prazer e de contentes —
Nas danças entrarei d'altas *caiumbas*.

JUNTO À ESTÁTUA

(No Jardim Botânico da cidade de S. Paulo)

Já a saudosa Aurora destoucava
Os seus cabelos de ouro delicados,
E as boninas nos campos esmaltados
De cristalino orvalho borrifava.

CAMÕES. *Soneto.*

Em plácida manhã serena e pura,
Sentado à borda de espaçoso lago:
O corpo recostado em frio mármore⁴,
Tórridos membros sobre a terra quedos,

Qual tímido Tritão de amor vencido,
Transpondo as serras, iracundos mares,
D'Aurora o berço perscrutando ousado,
Dolorosos suspiros exalava
Meu frágil peito da natura escravo.
Já nas fúlgidas portas do Oriente,
Trajando púrpura majestoso assoma
Luzeiro ardente, que expandindo os raios,
Deslumbra os olhos, e a razão sucumbe,
E, com furtiva luz, pálidas fogem
Notívagas esferas cintilantes.

As brandas auras perfumadas vinham
De grato aroma que invejara Meca,
Nos tortos ramos assoprar de manso.

Em nuvens brancas lá do céu caía
Pranto saudoso que derrama a Aurora,
Que a terra orvalha, que florescia os prados.

Volátil bando de ligeiras aves,
Brandindo as asas pelo ar brincavam,
Modulando canções, ternas endechas.

Longe do mundo, das escravas turbas,
Que o ouro compra de avaros Cresos,
A minh'alma aos delírios se entregava,
À sombra de ilusões — de aéreos sonhos.

Formosa virgem de nevado colo,
De garços olhos, de cabelos louros;
Sanguíneos lábios, elegante porte,
Mimoso rosto de Ericina bela,
Curvando o seio de alabastro fino,
Mimosa imprime nos meus lábios negros
Gostoso beijo de volúpia ardente! —
Vencido de prazer, nadando em gozos,
Já temeroso pé movendo incerto,
Voo com ela às regiões etéreas

Nas tênues asas de ternura infinda.

Rasgando o véu das ilusões mentidas,
Que est'alma frágil seduzir puderam,
Imóvel terra, cambiantes flores,

Viram meus olhos no romper da Aurora;
E dentre os braços, que cerrados tinha,
Gelada estátua de grosseiro mármore!...

Cândidas boninas
E purpúreas rosas,
Violetas roxas
Do luar saudosas;

Verdejantes murtas,
Redolentes cravos,
Lindas papoulas
Da donzela escravos,

Ao soprar da brisa,
Em balanço undoso,
O mortal encantam
Num sonhar gostoso.

Mas fugindo as nuvens
— Que a ilusão fulgura,

Só vagueia à sombra
Da infernal ventura.

SORTIMENTO DE GORRAS

(Para a gente do grande tom)

Seja um sábio o fabricante,
Seja a fábrica mui rica,
Quem carapuças fabrica
Sofre um dissabor constante:
Obra pronta, voa errante,
Feita avulso, e sem medida;
Mas no voo suspendida,
Por qualquer que lhe apareça,
Lá lhe fica na cabeça,
Té as orelhas metida.

F. X. de Novaes.

Se grosseiro alveitar ou charlatão
Entre nós se proclama sabichão:
E, com *cartas* compradas na Alemanha,
Por anil nos impinge *ipecacuanha*;
Se mata, por honrar a Medicina,
Mas⁵ voraz do que uma ave de rapina;
E num dia, se errando na receita,
Pratica no mortal cura perfeita;
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se os *nobres* desta terra, empanturrados,
Em Guiné têm parentes enterrados;
E, cedendo à prosápia, ou duros vícios,
Esquecem os negrinhos seus patrícios;
Se mulatos de cor esbranquiçada,
Já se julgam de origem refinada,
E, curvos à mania que os domina,
Desprezam a *voró* que é preta-mina:
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se o governo do Império Brasileiro,
Faz coisas de espantar o mundo inteiro,
Transcendendo o Autor da geração,
O jumento transforma em *sor Barão*;
Se estúpido matuto, apatetado,
Idolatra o papel de mascarado;
E fazendo-se o lorpa deputado,
N'Assembleia vai dar seu — *apolhado*:
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se impera no Brasil o patronato,
Fazendo que o Camelo seja Gato,
Levando o seu domínio a ponto tal,
Que torna em sapiente o *animal*;
Se deslustram honrosos pergaminhos

Patetas que nem servem pra meirinhos,
E que sendo formados Bacharéis,
Sabem menos do que pecos bedéis
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se temos Deputados, Senadores,
Bons Ministros, e outros chuchadores;
Que se aferram às tetas da Nação
Com mais sanha que o tigre, ou que o Leão;
Se já temos calçados — *mac-lama*,
Novidade que esfalfa a voz da Fama,
Blasonando as gazetas — que há progresso.
Quando tudo caminha pra o regresso:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se contamos vadios empregados,
Porque são das potências afilhados,
E sucumbe, à matroca, abandonado,
O homem do critério, que é honrado;
Se temos militares de trapaça,
Que da guerra jamais viram fumaça,
Mas que empolgam chistosos ordenados,
Que ao povo, sem sentir são arrancados:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se faz oposição o Deputado,
Com discurso medonho, enfarruscado;
E pilhando a maminha da lambança
Discrepa do papel, e faz mudança;
Se esperto capadócio ou maganão,
Alcança de um jornal a redação,
E conquanto não passe de um birbante,
Vai fisingando o metal aurissonante:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se a guarda que se diz — Nacional,
Também tem caixa-pia, ou musical,
E da qual o dinheiro se evapora,
Como o — Mal — da boceta de Pandora;
Se depois por chamar nova pitaça,
No fundo se conserva a — Esperança;
E nisto resmungando o cidadão
Lá vai ter ao calvário da prisão:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se temos majestosas Faculdades,
Onde imperam egrégias potestades,
E, apesar das luzes dos mentores,
Os burregos também saem Doutores;

Se varões de preclara inteligência
Animam a nefanda decadência,
E a Pátria sepultando em vil desdouro
Perjuram como judas — só por ouro:
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Lei fundamental — *Constipação*,
Faz papel de falaz camaleão,
E surgindo no tempo de eleições,
Aos patetas ilude, aos toleirões;
Se luzidos Ministros, d’alta escolha,
Com jeito, também mascam *grossa rolla*;
E clamando que — são independentes —,
Em segredo recebem bons presentes:
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a justiça, por ter olhos vendados,
É vendida, por certos Magistrados,
Que o pudor aferrando na gaveta,
Sustentam — que o Direito é pura petta;
E se os altos poderes sociais,
Toleram estas cenas imorais;
Se não mente o rifão já mui sabido:
— *Ladrão que muito furta é protegido* —
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,

Onde possa empantufar a larga pança!

Se ardente campeão da liberdade,
Apregoa dos povos a igualdade,
Libelos escrevendo formidáveis,
Com frases da peçonha impenetráveis:
Já do Céu perscrutando alta eminência,
Abandona os troféus da inteligência;
Ao som *d'argem* se curva, qual vilão
O nome vende, a glória, a posição:
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

E se eu, que amigo sou da patuscada,
Pespego no Leitor esta maçada;
Que já sendo avezado ao sofrimento,
Bonachão se tem feito e pachorrento;
Se por mais que me esforce contra o vício
Desmontar não consigo o artifício;
E quebrando a cabeça do Leitor
De um tarelo não passo, ou falador;
É que tudo que não cheira a pepineira
Logo tacham de maçante frioleira.

O VELHO NAMORADO

Pobre velho! Estás perdido
Se nesse couro tão duro,
Pôde ainda fazer-te um furo
Uma seta de Cupido!
Desse mal acometido,
Remédio te não darão;
Que nessa idade a paixão,
Bem que assim te não pareça,
É moléstia da cabeça,
Que não sente o coração.

F. X. de Novaes.

Um velho demente,
Mimoso ratão,
Fiado em Cupido,
Quis ser *Maganão*.

Janeiros sessenta
Contava o patola,
Com rugas na cara,
Com ar de farsola.

Gorducho e roliço,
Qual porco catete;

Cabeça de coco,
Nariz de pivete.

De pança crescida,
Andar de garoto,
Franzido sobrolho,
Olhar de maroto,

Cedendo à loucura,
Que dele zombava,
A barba e cabelo
Cuidoso pintava.

Brunia os sapatos,
O fato escovava;
Na destra grosseira
Bengala empunhava.

Se via à janela
Mocinha dengosa;
De lindo semblante
E lábios de rosa:

Então, derretido,
O velho lapuz,
Saltava, gingava,
Qual jovem de truz.

Se a bela formosa,
Por mofa, sorria,
O pobre do *punga*
Alentos bebia.

Assim pretendia
Esposa encontrar,
Que a sua rabuge
Quisesse aturar.

Eis chega-se o dia
De amor inspirado
Enfeita-se o asno,
Assim preparado.

Da cara deidade
Trepando as escadas,
Com fúria de bravo,
Dá quatro palmadas!

Lá corre a criada,
Mulata faceira,
De porte agradável,
Nos modos brejeira;

E vendo o basbaque

À moda vestido,
Exclama, sorrindo:
“Que lindo Cupido!...

“Bonita casaca,
“Colete bordado;
“Chapéu de patente,
“Cabelo *pintado*!...

“Vem tão bonitinho!...
“A quem quer falar?
“— Co’a dona da casa
“Desejo tratar”.

Escanc’ram-se as portas,
Lá entra o velhote,
De negra azeitona
Redondo ancorote.

Eis chega a matrona
Que a casa dirige;
Daquela visita
A dona se aflige.

Também vem com ela
Formosa menina,
De louros cabelos

E face divina.

“Que ordenas, pergunta,

“Ilustre *mancebo*?”

Estufa-se o lorpa,

Cupido de sebo!

Prepara a garganta,

Tomando postura,

À frente se põe

Da prenda futura.

E qual orador,

Em pleno auditório,

O gebas começa

O seu palanfrório:

Ó Vênus pudibunda, sem igual,

A teus pés aqui tens este animal,

Que vencido de amor pelos teus gestos,

Curvado te apresenta os seus protestos!

Vencestes do bigode — autoridade,

Do soldado a cruel severidade!

Este todo que vês tão rijo e duro,

Em borra ficará para o futuro;

Este peito que bate só por ti,

Já rendido e quebrado o tens aqui.

Guerreiro das campanhas *cupidárias*,
Dos mercúrios, jalapas e fumárias.
Sou velho, mas em tudo tão perfeito,
Que não conto, sequer, um só defeito!

Agora tu, matrona ajuizada,
Que pariste esta prenda delicada,
Consente no casório desejado.
— Não faças do *velhote* um desgraçado!

Notando a donzela,
Que o peço farfante,
Vencido de amores,
Se fez um pedante;

A ele se chega,
Com ar sedutor
Que os peitos encanta,
Que mata de amor;

Com gesto fêmeo
Que a mente não trai,
Sorrindo, lhe disse:
“A benção, papai!...”

Depois, prazenteira,
A face voltando,

Com garbo de fada
Se foi retirando!...

E como esta chalaça tão picante
O avô de Saturno, delirante,
Não ficou homem, não, mas mudo e quedo
Qual junto de um penedo outro penedo!
E, depois que sentiu-se codilhado,
Pela porta tomou, muito enfiado.

NO ÁLBUM

(Do meu amigo J. A. da Silva Sobral)

Amigo,
Pedes um canto na lira,
A quem apenas lhe tira
Sons de viola chuleira?
Insistes dessa maneira?
Não sabes que, por desgraça,
Por mais esforços que faça
Por ser vate é sempre em vão?
Não vês que mente o rifão:
Quem porfia mata caça?

F. X. de Novaes.

Se tu queres, meu amigo,
No teu álbum⁶ pensamento
Ornado de frases finas,
Ditadas pelo talento;

Não contes comigo,
Que sou pobretão:
Em coisas mimosas
Sou mesmo um ratão.

Não falo das flores,

Dos prados não falo,
Nem trato dos sinos
Porque têm badalo;

Da rola que geme,
À borda do ninho,
Do tênue regato
Que corre mansinho;

Nem das travessuras
Do terno Cupido,
Que faz do beato
Janota garrido.

Mas se queres que alinhave
Palavras desconchavadas,
Desculpa, com paciência,
Sandices que vão ritmadas.

Desprenda-se a veia,
Comece a festança,
Mordendo, cortando —
Com toda chibança.

Ateie-se a Musa,
Na magra cachola,
Com frases flamantes

De chocho pachola.

E qual estudante,
Campando de sábio,
Que empunha a luneta,
Que é seu astrolábio:

Eu pego na pena,
Escrevo o que sinto:
Seguindo a doutrina
Do grande Filinto.

Que estou a dizer?!
Bradar contra o vício!
Cortar nos costumes!
Luiz, outro ofício.

Não lutes com isso,
Trabalhas em vão;
E podes tocar
Nalgum *paspalhão*.

Vai lá para a tenda
Pegar na sovela,
Coser teus sapatos
Com linha amarela.

Mordendo na sola,
Empunha o martelo;
Não queiras, com *brancos*,
Meter-te a tarelo.

Que o *branco* é mordaz,
Tem *sangue azulado*:
Se boles com ele
Estás *embirado*.

Não borres um livro,
Tão belo e tão fino;
Não sejas pateta,
Sandeu e mofino.

Ciências e letras
Não são para ti;
Pretinho da Costa
Não é gente aqui.

Ouvindo o conselho
Da minha razão,
Calei o impulso
Do meu coração.

Se o muito que sinto
Não posso dizer,

Do pouco que sei
Não quero escrever.

Não quero que digam
Que fui atrevido;
E que na ciência
Sou intrometido.

Desculpa, meu caro amigo,
Eu nada te posso dar;
Na terra que rege o *branco*,
Nos privam té de pensar!...

Ao peso do cativo
Perdemos razão e tino,
Sofrendo barbaridades,
Em nome do Ser Divino!!

E quando lá no horizonte
Despontar a Liberdade;
Rompendo as férreas algemas
E proclamando a igualdade;

Do chocho bestunto
Cabeça farei;
Mimosas cantigas
Então te darei.

O GAMENHO

Parece-me impossível que o gamenho,
Que cuidadoso só trata do cabelo,
Não tenha transformado em um novelo
O miolo que encobre tal desenho!

O Autor.⁷

Lá ginga na praça
Gentil namorado;
Vai tão adamado,
Que as belas mais dengues
Lhe rendem mendengues.

Passinhos de Nínfa
Mimosa, engraçada;
Parece uma fada,
Nem Vênus formosa
Como ele é garbosa!

Trejeitos fêmeos,
Pisar delicado,
Andar compassado;
Oh céus, que luxúria,
Que terna melúria! —

Que ar sedutor,
Que todo elegante,
Que lindo semblante,
Que pé delicado —
Parece moldado!

Mas se queres, Leitor, ver um contraste,
Adônis em Morcego transformado,
Ou Cupido em figura de Macaco —
Aproxima-te ao néscio namorado.

É um velho farsola, desfrutável,
Com fumaças de jovem, repimpado,
Que ao ridículo se presta, qual demente,
Figura de presepe ou mascarado.

MOTE

E não pôde negar ser meu parente!

SONETO

Sou nobre, e de linhagem sublimada,
Descendo, em linha reta dos *Pegados*,
Cuja lança feroz desbaratados
Fez tremer os guerreiros da Cruzada!

Minha mãe, que é de proa alcantilada,
Vem da raça dos Reis mais afamados;
— Blasonava entre um bando de pasmados
Certo parvo de casta *amorenada*.

Eis que brada um peralta retumbante:
“— Teu avô, que de cor era latente,
“Teve um neto mulato e mui pedante!”

Irrita-se o fidalgo qual demente,
Trescala a vil catinga nauseante,
E não pôde negar ser meu parente!

A UM FABRICANTE DE PÍLULAS

SONETO

ILMOS. SRS. DA MUNICIPAL

Diz Dom Sancho careca, o carraspanas,
Antigo charlatão pelotiqueiro,
Por força da natura cozinheiro,
Atual compositor de trabuzanas,

Que a bem de seus direitos, sem chicanas,
Por honra da ciência, em que é primeiro,
Os foros se lhe dê de calhandreiro
Dos efeitos das *purgas paulistanas*.

E sendo o suplicante o sabichão,
Inventor do sistema da rapina,
Reclama uma patente de invenção.

Requer para seu uso uma batina,
De burro uma queixada por brasão,
Sem fundos um barril por barretina.

AO MESMO

SONETO

Qual de pedra colosso ou monte Atlante,
De horrenda catadura, horrendo porte,
Rugindo se apresenta qual Mavorte,
Borrachudo *Averróis* altitonante.

Impondo de Doutor o ruminante,
De catrâmbias atira a negra morte,
Das fauces lhe dispara o vento norte
Com tremendo estampido retumbante.

Eis que surge *Chiron* d'alta memória
E vendo esse monturo de bagaço
Raivoso então bradou, rasgando a história:

“Silêncio, ó charlatão! Nem mais um passo,
“Que levo-te a vergalho, à palmatória,
“Transformo-te num burro, e mais não faço”.

ARREDA QUE LÁ VAI UM VATE!

Quis um pobre sandeu apatetado
Sobre as grimpas guindar-se do Parnaso;
Empunha uma bandurra desmanchada,
E nas ancas se encaixa do Pegaso⁹.

Às crinas se aferrando, como doido,
No bandulho do bruto as pernas cerra:
Manquejando na prosa, em verso rengo,
Ufanoso da glória exclama e berra:

Ao Parnaso! Ao Parnaso subir quero!
Sonoroso anafil empunha ousado,
Para a fama elevar do sacrilégio
Com meu fofo bestunto estuporado.

Os gatos mostrarei fugindo aos ratos,
Vistosos frutos em arbusto peço;
Jumentos a voar, touros cantando,
E grandes tubarões nadando em seco!

Espanta-se o cavalo ao som da asneira,
E cuidando em si ter outro que tal,
Com saltos e corcovos desmedidos
O pateta lançou num tremedal.

Todo em lama, o coitado, besuntado,
A bandurra tocou destemperada,
E, por fim do descante, só ficaram
Asneiras e sandices — patacoada.

A PITADA

A pitada é coisa grande,
Vem de engenho sublimado;
É capaz de tirar monco
Do nariz mais confiado.

Certo Papa altipotente,
Dela tendo experiência,
Suspendeu suas tomadas,
Por temer sua influência.

Não respeita velho ou moço,
Seja preto ou cor de giz;
Sai do bote para a caixa,
E da caixa pra o nariz.

É prazer que não se explica,
Ardorzinho que consola,
Vício honesto, inocentinho,
Protegido pela estola.

Contra o peso da cabeça,
É remédio tão gabado
Que o não deixa um só momento
Todo o homem que é casado.

Toma a velha, a moça toma,
Toma a negra, toma a branca,
Toma o rico, toma o pobre,
Tendo a venta sempre franca.

Té nos líbicos desertos,
Toma o bárbaro gentio,
Torvo esturro cor de barro,
Recrestado ao sol de estio.

Oh! pitada milagrosa,
Pitadinha portentosa!
Eu quisera ser um Dante,
Ter uma harpa ressonante
Pra cantar a tua glória,
Sobre as aras da memória.
Não te zangues, pitadinha,
Pitadinha amarelinha;
Pobre filho da tarimba,
Vou cantar-te na marimba.
Atendei, oh tomadores,
Que eu começo os meus louvores!
É tão bela, é tão gabada
A virtude da pitada,
Que não há quem lhe resista,
Seja cego ou tenha vista!
Nem a velha recurvada,

Nem a moça enamorada,
Nem o padre, nem o frade,
Seja leigo ou seja abade,
São capazes de fugir,
Evitar ou resistir,
À tendência exacerbada,
Pela força da pitada!
Quem resiste ao bom tabaco,
Quer do binga quer de caco?!
Toma o menino de escola,
Para ter fresquinha a bola;
Toma o rude lavrador,
Toma o sábio professor:
Velhos lentes jubilados
Pelos anos alquebrados,
O vagaroso porteiro
Os vigários, o sineiro.
Toma o mestre de francês,
O de latim, o de inglês,
O boçal qu'inda é calouro.
Que o tomar não é desdouro;
Veteranos, bacharéis,
Secretários e bedéis,
Diretores de colégios,
Apesar dos privilégios;
Também toma, por mania,
O que explica geometria.

E narizes têm-se visto,
Com prosápias de resisto,
Que chupitam num momento,
De tabaco bolorento,
Duas libras, bem pesadas,
Embutidas por pitadas.

A pitada é coisa grande,
Vem de engenho sublimado,
É capaz de tirar monco
Do nariz mais confiado.

Não tem bom gosto,
Quem fero, altivo,
Se mostra esquivo
À pitadinha;
Que é coisa santa,
Contra azedumes,
Negros ciúmes,
Tomada asinha⁸.

Quer de canjica,
Quer de semonte,
Refresca a frente,
Tomada asinha;
Por ela morre
Gentil donzela

Formosa e bela
Tão moreninha.

Alegre toma,
Morta de amores,
Libando as flores,
Qual avezinha,
Nívea loureira
Na orlada venta
Brandinha e lenta
A pitadinha.

Toma a casada,
Toma a solteira,
A honesta freira,
Que é bonitinha;
Entre os dedinhos,
Alvos, brunidos,
Com graça unidos,
A pitadinha.

Do gênio afasta,
Suavemente,
A impertinente,
Fera zanguinha;
Sara quebrantos,
Paixões de amores,

Acerbas dores,
Tomada asinha.

Qual o volátil,
Que inocentinho,
Deixando o ninho,
Beija a florinha,
Assim, deidades,
Que as auras beijam,
Ternas almejam
A pitadinha.

Lindas meninas,
No seu passeio,
Levam — no seio —
A bocetinha.
Para tomarem,
Co'as companheiras
Por brincadeiras,
A pitadinha.

E se o espirro,
Deixando a toca
Vem à *taboca*,
Ligeiro e rude;
Entoa o bando
De Huris formosas,

Quais níveas rosas,
Hum¹⁰ — Deus *lle* ajude.

O BALÃO

Requeiro oh Musa,
Do grande Urbino,
Píncel divino,
D'alto rojão;
De Tasso o gênio,
De Homero a fama,
Que o mundo aclama,
D'áurea feição.

Que cantar quero,
Vibrando o plectro,
Com doce metro,
Ancho balão;
Erguendo aos ares
Novas esferas,
Tontas megeras,
De rubiçãõ.

Guapos rapazes,
Velhos caducos,
Sandeus, malucos,
Por devoção;
Que, por pacholas,
O siso despem,
E à moda vestem,

Lá do Japão.

Rompa-se a marcha!
Eis um capenga,
Que untada a quenga
Traz de sabão;
Andar cadente,
No gesto grave,
E grossa trave
Tem por bastão!

Ó que prosápia!
Traja com gosto,
Tem o composto
De um figurão!
Vem atacado,
E tão rotundo,
Que afronta o mundo,
Com seu balão!

Desfez-se o homem,
E não é peta,
Fez-se planeta,
— De Escorpião —
Tem gás na pança,
Suspiro e bomba,
— Astro de tromba,

Luz de alcatrão!

Olá! que vejo!
Qual nívea estrela,
De luz singela,
Tem o clarão!
Mimosa fada,
Que os gênios doma,
Ampla redoma,
Do Indostão!

Faz mil requebros,
Gentil donzela,
Qual rosa bela
Contra o tufão;
Salta e corcova,
Como charrua,
Quando flutua,
Sem capitão!

Silêncio! é ela!
Tão vaporosa
Vem, e formosa,
— Que treme o chão!
Gordo cetáceo,
Deixando os mares,
Que afronta os lares

Sobre um balão!

Eu te saúdo,
Oh tartaruga,
Romba taruga,
De barracão!
Monstro que alojás,
Sob os babados,
Dez mil soldados,
Do rei Plutão!

Planeta aquário,
Veloz, possante,
Que vaga errante,
Sem região;
Farol tremente,
D'estreita barra,
Que o leme emparra,
Do galeão.

Diz a gazeta,
(Caso de fama)
Que certa dama,
Numa função,
Fora atacada,
De flato horrível,
Que a pôs *hirtível*,

No raso chão.

Doze mancebos
A carregaram
E colocaram
Sobre um colchão,
E a castidade,
Sem ofenderem,
Para fazerem,
Fomentação;

Foram tirando,
Sem causar mágoas,
Fofas anáguas,
De camelão;
Curvadas molas,
Arcos de pipa,
Cordas de tripa,
E um rabecão.

Caixas de guerra,
Rouco zabumba,
Que além retumba,
Como trovão;
Felpuda palha
Para viveiros,
Dois travesseiros,

E um trombão.

Eis que debaixo,
Do tal babado,
Pula espantado,
De supetão,
Tremendo gato,
Mirando, aflito,
Mais esquisito,
Que um sacristão!

Bradaram todos —
Que era feitiço,
Ou malefício,
De Faetão,
Chamou-se logo,
Para o sinistro,
Certo ministro,
Do alcorão.

Chega o bojudo,
Doutor Trapaças
Que tem fumaças,
De sabichão;
Pega na pena,
Lavra a receita,
— Para maleita —

Chá de gervão.

Suspira a moça,
No brando leito,
De novo aspeito¹¹,
Se amostra então;
Era a doença,
Pobre inocente,
A lava ardente,
Do seu balão!

Casos de estrondo,
Já se tem visto,
Que aqui registro¹²,
Do tal balão,
Atendam todos,
Não façam bulha,
Que tem borbulha,
A narração.

Se algum marujo,
Fino tratante,
Faz-se de impante
Politicão;
Muda de credo,
Vira a casaca,
— O gás ataca,

No seu balão.

Mas se perdendo
A tramontana,
Qual Zé banana,
Pilha o tufão;
Foge ao perigo,
Deixa a catraia,
Buscando a praia,
É charlatão.

Inda que berre,
Inda que brade,
Qual rubro frade,
Com mau sermão;
Um povo inteiro,
Lhe diz em face:
És um falace
Camaleão.

Se na fachada,
De um *bom* marido,
Que foi traído,
Surge um pulmão;
Exclama a esposa,
Que são esguichos,
Os tubos fixos,

Para o balão!

Quem tal diria,
Que na fachada,
Tão respeitada,
Do cidadão;
Se assestariam,
Torcidas molas,
Curvas bitolas,
Para o balão!...

Rengas moçoilas,
De pernas finas,
Têm lamparinas,
Óleo e carvão;
Para empinarem,
O bojo enorme,
Do desconforme,
Monstro balão.

Também a velha,
De gâmbia esguia,
Traz por mania,
Fofa balão;
Mas, rota a bomba,
É qual sanfona,
Que zune e trona,

De cantochão.

Boçais donzelas,
Fíνας varetas,
Magros cambetas,
Têm seu balão;
Gás hidrogênio,
Tão sublimado,
Que, destampado,
Faz de trovão!

Não há cegonha,
Torta gazela,
Nem magricela,
Que de balão;
Não faça rodas,
Com tal rebojo,
Que vence, em bojo,
Néscio pavão!

Nem rapazola,
Parvo e pedante,
Que todo impante,
Qual histrião;
Não julgue ousado,
Pobre pixote,
Ser Dom Quixote,

Sobre o balão!...

E tu, oh gênio,
Sublime e raro,
A quem deparo,
Nesta invenção;
Nas áureas letras
Da sábia história,
Verás a glória —
Na exposição.

A UM FABRICANTE DE PÍLULAS

Exulta, oh Pauliceia, a fronte eleva
Sorri da Grécia e de Esculápio estulto,
Afronta o velho mundo, ousada rompe
Nas aras da memória ergue o teu vulto.

Cidade eterna de prodígios altos,
Que o gênio domas de Misrai potente,
Encrava em bronze com douradas letras
Teu nome excelso de poder ingente.

O Cairo, a Grécia, a Babilônia antiga,
A culta França e a Bretanha ousada,
Ouvindo a fama que o teu nome alteia
Vacilam, tombam do letargo ao nada!

Os vultos da ciência purgatória
Osíris e Quíron, o louro Apolo,
Vencidos de terror medrosos tremem,
E as fronteiras curvam no gretado solo!

Quem há que possa competir contigo,
Viçoso berço de varões preclaros?
Nem Podalírio de saber profundo,
Ou d'áurea Praxíteia os filhos caros!

Se alguém tentar sobrepujar teu nome,
De inveja prenhe e de letal veneno,
Soberba aponta para o vulto hercúleo
Do *Pirulista* de assombroso aceno.

Herói fulgente, qual não viu Atenas
Em almos dias que a ciência esmaltam;
Professor magnus de purgantes acres —
Em piluletas que curando matam!

Impando afirma — que com bravas ervas
Sarou morfeia, e tudo mais que diz,
Tornou formosos carcomidos corpos,
Com pele e carne, e magistral nariz.

Famintos cura, de dinheiro a falta,
Cabeças ocas, de juízo ausência,
Barriga dura, catarral defluxo,
A hidropisia e perenal demência!

E para assombro, do renome, amostra,
Em um — *Correio Paulistano* — antigo,
O selo, a prova desta grã verdade,
Depois o prega em besbelhal postigo.

Caducas velhas de viver cansadas,
Que têm na coma claraboia imensa,

Tomando as doses do doutor chanfana
Concebem, parem, sem temer doença!

Eis troam, rugem na rotunda pança
Trovões soturnos, sibilantes ventos,
Farpados raios coruscantes ardem
Na cava estreita, em barrigais tormentos!

Tomou aquela, por debique ou luxo,
Das tais pílulas seis macitos — só!
Da pança em fora descreitou bramindo
Maçada horrenda, ventania e pó!

E de improviso, por mistério oculto,
Ou providência do remédio santo,
Sentiu crescer-lhe a barrigaça a velha —
Um filho teve por fatal encanto!

Lá mais dois casos de eternal memória
Um velho rengo, uma viúva anosa¹³;
Purgado aquele se transforma em jovem,
A velha em moça virginal, formosa!

Silêncio, oh povos! que lá vem milagre,
Repiquem sinos badalar tem-tem!
Atentos mirem da gazeta o caso;
— Lá parem velhas de janceiros cem!

Estende as asas, oh Galeno hercúleo,
Adeja em torno da virente Clio;
Despreza os parvos, a sandice estulta,
Berrar de sapos e da inveja o pio.

Em trono calhandral erguido aos ares,
Entre nuvens de incenso purgantino,
Recebe as ovações da gente enferma,
Nas salvas do ribombo tibertino.

Exulta, oh Pauliceia, a fronte eleva,
Sorri da Grécia e de Esculápio estulto
Afronta o velho mundo, ousada rompe
Nas aras da memória ergue o teu vulto.

Rasgando os ares, da vitória certa,
Varrendo as ondas co'os prodígios teus,
Sacode os astros, as montanhas quebra,
Renome imprime nestes versos meus.

E o tal Galeno de purgar sedento,
Que as vidas troca por eterno sonho,
Eleva ao cume das esferas lúcidas,
Nas crespas asas do tufão medonho.

Em torno monte de fecais matérias,

Quais dundaras montanhas solevadas,
Receba altivo a coruscante auréola
Das mãos da fera Parca descarnadas!

S. Paulo.

A UM NARIZ

Você perdoe,
Nariz nefando,
Que eu vou cortando
E ainda fica nariz em que se assoe.

G. de Matos.

Aí vai, leitores,
Um monstro esguio,
Que em corrupio
De uma rua tem posto os moradores.

Maior que a proa
Da nau de linha,
Tem camarinha
Aonde à tarde se obumbra a tocha coa.

Rinoceronte
De tromba enorme,
Mais desconforme
Do que o mero, a baleia, o catodante

Nariz bojante,
Recurvo e longo,
Que lá do Congo

Alcança o Tenerife e monte Atlante

De raça eslava
Tremenda espiga,
E há quem diga
Que nela Polifemo cavalgava,

Nariz alado,
De cor brinjela,
Que de pinguela,
Serviu no Amazonas celebrado.

E se não mente
A tradição,
De lampião
Fazia num farol da Líbia ardente.

Nariz de pau,
Com tal composto,
Que sobre o rosto
Tem forma de bandurra ou berimbau.

Cavado e torto,
Formal tripeça,
Fundido à pressa
Nas forjas de Vulcano — por aborto,

Nariz de forno,
De amplas badanas,
Que mil bananas
Aloja em cada venta, sem transtorno.

É tão famoso
O tal nariz,
Que por um triz
Não fez parte do cabo tormentoso.

Qual catatau
Da testa pende,
E alguém entende
Ser ninho de coruja ou pica-pau.

Nariz de barro,
Mas não cozido,
Que suspenso,
Sobre as grimpas da lua vai de esbarro.

De quanto fiz
Não se enraiveça;
Não enrubesça,
Que pra dar e vender sobra nariz.

UMA ORQUESTRA

Por certa cidade
Sozinho vagando,
Ao mórbido corpo
Álvio buscando:

Acorde harmonia
Ao longe escutei,
E aos dúlios acentos
Meus passos guiei.

Além, numa rua,
Em casa antiquada,
Diviso ao luar
De Euterpe a morada.

A ela me chego,
Com gesto tardio
Por entre as janelas
Os olhos enfio.

Mas eis que diviso
Um velho zangão,
Zurzindo raivoso
No seu rabecão.

Marcava o compasso
A pança empinava,
Que, em clave de *bufo*,
Confusa roncava...

Mexia-se todo,
Fazendo caretas;
As ventas fungavam
— Sonantes trombetas.

Na vasta batata,
Que tem por nariz,
Formara seu ninho
Crescida perdiz.

Sobr'ela, de encaixe,
Luzindo se via
A vítrea *cangalha*
Que a vista auxilia.

Num lado da penca,
Em alto degrau,
Serenamente cantava
Audaz Pica-pau.

Da luta cansado,
Tremendo e suando,

A bola afrescava
Pitadas tomando.

As grossas cravelhas
Ligeiro torcia,
Na banza afinada
De novo zurzia.

— Sentada num canto,
Bochechas inchadas,
De solfa na frente,
Em notas pausadas,

De venta enfunada,
Com ar de Sultão,
A dona da casa
Tocando trombão!

— Formosa deidade,
Galante Ciprina,
— Vestida à romana —
Trajando batina,

Tapava os suspiros
De seu clarinete,
Soprando com fúria
Dum anglo paquete!

A filha mais velha
Do tal Corifeu,
Que em flauta dum tubo
Tem fama d'Orfeu,

Melíflua tocava
No seu canudinho,
Amenos¹⁴ prelúdios,
Lundu miudinho.

A outra, segunda,
Dione formosa,
Impando as bochechas,
Possante e raivosa

Berrava na trompa,
Qual doida *Avertana*,
Mão-dentro, mão-fora
Da rasa campana!

Ridente menina,
Que um lustre contava,
Roliça baqueta
Airosa empunhava.

Nos pratos batia,

Malhava o zabumba,
Num moto contínuo
De *bumba-catumba!*

No meio da bulha,
Que os ares feria,
O velho, de gosto,
Contente sorria.

A testa esfregava
Co'a destra enrugada,
Nas largas *ventrechas*
Sorvia a pitada.

Com voz de soprano
Fazendo trejeitos,
Alegre exclamava,
Batendo nos peitos:

— Maestros famosos
“Da Grécia não temo,
“Nem Chinas ou Persas
“Da raça do demo.

“A todos confundo
“Com meu rabecão,
“Que ronca e rebrame,

“Qual fero trovão!

“Ferindo estas cordas

“Bezerros imito,

“Grunhido de porcos,

“Berrar de cabrito;

“Zurzidos de burros

“Miados de gato,

“Coaxados de sapos

“— Em tom pizicato —.

“Oh vinde Maestros

“Da Itália e da França,

“De passo ligeiro

“Dançar contradança!

“Oh vinde Aritino,

“Mozart e Rossini,

“Deixando a rabeca

“Também Paganini!

“Que todos patetas

“Aqui ficarão,

“Ao som retumbante

“Do meu rabecão!”

— Toquemos meninas,
“Faceiras Camenas,
“Valsitas, quadrilhas
“Nas brandas avenas.

“E todos alegres,
“Vibrando o compasso,
“Os nomes gravemos,
“Na lira dum Tasso!...”

O GRANDE CURADOR DO MAL DAS VINHAS

Cesse tudo quanto a antiga musa canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!

Camões. *Lusíadas*, canto I.

Cá do antro negregado em que eu habito,
Envolto na pobreza que me oprime;
Da fatal ignorância ao duro peso,
Qual o réu que comete horrendo crime.

Ao mundo não lembrado, como a sombra
De ignorado Pastor em ermos vales;
Sofrendo da miséria atroz reveses,
Do meu fado curtindo acerbos males:

Prostrado à sonolência que domina
À turba dos mortais assim rendidos,
De repente desperto ao som medonho
De brados estridentes — alaridos!

Impávido, correndo, me encaminho,
Em busca do sucesso não cuidado,
Que, os ares atroando, se anuncia,
Qual fero Adamastor, bramindo irado!

A trancos e barrancos, tropeçando,
De súbito deparo frente a frente,
— Não de susto falece comovido,
Com feio, desgrenhado e sujo Bronte!

Era hirsuta a melena, esfiapada,
Que nos ombros vergados se esparzia;
A boca retorcida, os dentes verdes
Rotunda era a cabeça, mas vazia.

Trajava uma casaca que invejara
Um *judas*, ou magriço Gafanhoto,
Presente que lhe dera, em despedida,
O seu velho patrão, que era piloto.

Com denodo, montava, um grã tonel,
Tinha frente, de parras, enfeitada;
Empunhando na destra uma seringa,
E na sestra uma vinha, já curada.

Diante do herói vinham, saltando,
Uma chusma de Bacos, de cornetas;
Também vinha Priapo, enfurecido,
Entre velhas zanagas, e cambetas!

D'espanto dominado, lhe pergunto:
Quem és tu, ó mortal, que assim caminhas?

Responde-me o colosso, insano e forte:
“O grande curador do mal das vinhas!!”

E soprando-me a testa, d’improviso,
Por pouco me não deixa sem juízo!
Aos ares se elevou, empavesado,
As abas da casaca abrindo ousado;

E, logo que da terra se apartou,
Sobre as nossas cabeças espalhou:
Um chuveiro de anúncios, em gazetas,
Retumbantes artigos, grossas petas;
A caparrosa, a galha, a t’rebentina,
Essência de tabaco, e de quinina;
Pontinhas de charutos, já fumados,
Ratos mortos, em vinho conservados;
Pomposos elogios, em jornais,
Sementes pra o fabrico de animais:
Um tratado das coisas reunidas,
E mais outras coisitas esquecidas!
Nem César, Bonaparte, nem Mavorte,
E outros em quem poder não teve a morte,
Igualam, no saber, o pregoeiro,
Que das vinhas se aclama — curandeiro.
Por ele se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos
— Que nas grimpas da glória repimpado

Um abraço vai dar no sol dourado.

PACOTILHA

Não ralhem, não façam bulha,
Que eu não sei se isto é pulha.

(Polca.)

Se vive à janela
Moçoila gorducha,
Qual freira capucha,
Mirando o janota;
Fazendo trejeitos,
De lenço abanando,
O olho piscando —
É tola, idiota.

Se meiga donzela,
D'amor delirante,
Em lábios de amante
Segura se faz;
Põe fé no magano,
Lá cede um beijinho,
Mais outro abracinho —
Está no carcás...

Se velha caduca,
De face rugosa,

Pretende ansiosa
Gentil namorado;
Com feias caretas
O dente arreganha,
Suspira, por manha —
É triste pecado.

E tendo na boca
Postiço teclado,
Com cera pegado,
Que joga e chocalha,
Das moças critica,
Com sanha de fúria,
Banindo a luxúria —
Não passa de gralha.

Se tolo basbaque,
Em prosa maçante
Julgando-se um Dante,
Se torna *poeta*;
Sem estro e sem tino,
De amor em furores,
Só fala das flores —
Precisa dieta.

E tendo na cara
Trombudo focinho,

Qual porco de espinho,
Se faz namorado:
Metido em funduras
Lá geme, e suspira,
Qual fero Timbira —
É asno chapado.

Se guapo marido,
Rapaz de bom gosto,
Vai pelo sol posto
Jogar seu pacau;
Deixando a *metade*,
Contente, alegrinho,
Não vê que o vizinho...
Coitado, é *patan*!

Mas sendo avezado
À tal brincadeira,
Quindim, frioleira,
Lhe chama — brejeiro —
Na frase do mundo
Não passa por tolo;
Tem frente e miolo
De manso Cordeiro.

Se trôpego velho,
De queixo caído,

Dengoso e rendido,
Com moça se liga:
Lá quando mal cuida
Na fronte lhe saltam,
Relevos que esmaltam,
Em forma de espiga.

Se *rapa* o que pode
Finório empregado,
Campando de honrado,
Cuidando que brilha;
Em dia aziago
Tropeça, baqueia,
E vai, na cadeia,
Juntar-se à quadrilha.

Se impinge nobreza
Brutal vendilhão,
Que sendo *Barão*
Já pensa que é gente;
Aqueles que o viram
Cebolas vendendo,
Vão sempre dizendo —
Que o lorpa é demente.

Se em peitos que fervem
Infâmias tremendas

Avultam comendas
E prêmios de honor;
É que, com dinheiro,
Os rudes cambetas
Se levam das tretas
E mudam de *cor*.

Se fino larápio
De vícios coberto,
Com foros d'esperto,
De honrado se aclama;
É que a ladroeira,
Banindo o critério,
Firmou seu império
C'o *gente de fama*.

Se audaz rapinante,
Fidalgo ou Barão,
Por ser figurão,
Triunfa da Lei;
É que há Magistrados
Que empolgam presentes
Fazendo inocentes
Os manos da grei.

Mulato *esfolado*,
Que diz-se fidalgo,

Porque tem de galgo
O longo focinho;
Não perde a *catanga*,
De cheiro falace,
Ainda que passe
Por bráseo cadinho.

E se eu que *pretecio*,
D'Angola oriundo,
Alegre, jucundo,
Nos meus vou cortando;
É que não tolero
Falsários parentes,
Ferrarem-me os dentes,
Por brancos passando.

COLEIRINHO

Assim o escravo agrilhado canta.

Tibulo.

Canta, canta Coleirinho,
Canta, canta, o mal quebranta;
Canta, afoga mágoa tanta
Nessa voz de dor partida;
Chora, escravo, na gaiola
Terna esposa, o teu filhinho,
Que, sem pai, no agreste ninho
Lá ficou sem ti, sem vida.

Quando a roxa aurora vinha
Manso e manso, além dos montes,
De ouro orlando os horizontes,
Matizando as crespas vagas,
— Junto ao filho, à meiga esposa
Docemente descantavas,
E na luz do sol banhavas
Finas penas — noutras plagas.

Hoje triste já não trinas,
Como outrora nos palmares;
Hoje, escravo, nos solares

Não te embala a dúlia brisa;
Nem se casa aos teus gorjeios
O gemer das gotas alvas
— Pelas negras rochas calvas —
Da cascata que desliza.

Não te beija o filho tenro,
Não te inspira a fonte amena,
Nem da lua a luz serena
Vem teus ferros pratear.
Só de sombras carregado,
Da gaiola no poleiro
Vem o tredo cativo,
Mágoa e prantos acordar.

Canta, canta Coleirinho,
Canta, canta, o mal quebranta;
Canta, afoga mágoa tanta
Nessa voz de dor partida;
Chora, escravo, na gaiola
Terna esposa, o teu filhinho,
Que sem pai, no agreste ninho
Lá ficou sem ti, sem vida.

RETRATO

SONETO

É renga, *magricela* e presumida,
Com pele de muxiba engruvinhada;
O corpo de sumaca desarmada,
A cara de *mnafa* malcosida;

A perna de forquilha retorcida,
Os ombros de cangalha um tanto usada;
A boca, de ratões grata morada,
Maçante na conversa e malsofrida;

Senhora de um leproso cão rafeiro,
Que, querendo passar por mocetona,
Se besunta com sebo de carneiro;

Vestida é saracura de japona,
De feia catadura, e de mau cheiro,
Eis a choca perua da Amazona.

A UM VATE ENCICLOPÉDICO

Quis um jovem marchar, só por mania,
Das letras pela senda trabalhosa;
Diz-se — Vate, mas prenda tão famosa
Ninguém nos versos seus a descobria.

Começa a dar patada, e tão bravia,
Que logo (alçando a voz imperiosa)
Lhe brada a Natureza: *Chega à prosa!*
E o maldito a encostar-se à poesia!

F. X. de Novaes. *Soneto.*

Qual cratera lançando lava ardente,
De Pompeia tragando a pobre gente,
Novo Aníbal os mares agitando,
Arbustos e penedos derrubando.
Argentino Quixote se apresenta
Com bulha que as cabeças atormenta!
É Doutor em ciências sociais,
Conhece toda casta de animais;
Em direito, suplanta o *Savigny*,
Mormente quando toma a — *Parati*;
E nos fastos da grã filosofia
Diz tais coisas que as carnes arrepiam!

Da Medicina o novo *Chernoviz*,
Faz xaropes, do ferro tira o giz!
E, invadindo as *baías* do Parnaso
O lugar conquistou do tal Pegaso¹⁵!
A sabença nos *cascos* se lhe aninha,
É por todos chamado o — Dom Fuinha;
E da torva montanha da cachola
Pende a velha e cediça c’raminhola!

Um taful que encarou o tal portento
Afirma que o coitado era jumento;
E querendo provar o que dizia,
Mostrava uma castrada poesia:
D’asneiras enxurrada furibunda
Onde o erro falaz superabunda:
Era prosa cediça, mui safada
Asneira sobre asneira amontoada!
E no fim da maçante frioleira
A firma do grã vate — baboseira.

Correu, em peso, a sábia Academia,
Para ver o planeta que luzia;
Também veio a Polícia, a Medicina,
Discutir tanta asneira em sabatina!
Miraram do alto a baixo o *sacripante*
E vendo que o maroto era pedante,
Na barca de Caronte o encaixaram,

Pra casa dos orates o mandaram.

Lá se foi o talento desmedido,
Todo o povo deixando espavorido,
Habitar os salões dum hospital
Onde cura terá para o seu mal.

NO ÁLBUM

Do Sr. Capitão João Soares

Escrever num Álbum!... Credo!
Expor-me à crítica austera!
E se um douto me impusera
Pena de longo degredo!
Nada... nada, tenho medo
De ir a alguém desagradar;
Não ponha o meu nome a par
Dos que têm estro e ciência;
Amigo, tem paciência:
Quem não tem não pode dar.

F. X. de Novaes.

Que o seu pobre servidor,
Manda Vossa Senhoria,
Empunhando leve pluma,
Seja feito um escritor!

E, qual Nume antipotente
Que domina os elementos,
Mostre, aqui, do encanto a força
Exibindo altos talentos!

Nas trevas lutando,

Sem estro, sem guia,
Guindado na prosa,
Sem ter poesia;

Não sei como possa
Tal mando cumprir.
E da brincadeira,
Já quero me rir.

No Álbum do Vate
Bem quero escrever;
Mas como fazê-lo
Sem nada saber?

Meter-m'a abelhudo
Em coisas d'alcance,
Fazer traquinadas,
Sofrer algum trance?

Dizer asneirolas,
Cediças maçadas;
Borrando o papel
Com frases safadas?

Curvar-me às dentadas
De certos pedantes,
Qu'em versos e rimas¹⁶

São mesmo uns Atlantes?!

Nada, nada, meu Senhor,
Não caio nessa esparrela;
Não quero que o mundo diga —
Que o Luiz é tagarela.

Não tenho sabença,
Não campo de autor;
Apenas me conto
Por um falador.

Das línguas estranhas
Nenhuma aprendi,
Em nosso idioma
Sou — *Kikiriki*.

De Euclides — os riscos,
De Schiller — a história,
Se os li foi por brinco,
Não tenho em memória.

E, demais, além de tudo,
Da escola saí mui rudo.

Se, por desenfado,
No meu triste lar,

Com penas e tinta
Me ponho a brincar;

Se acaso uma ideia,
Que vaga perdida,
Da minha cachola
Faz sua guarida;

Se astuto demônio,
Finório birbante,
Soprando na testa
Me faz delirante;

E se dominado
Por esse rabino,
Algumas sandices
Escrevo, sem tino,

Depois refletindo
No fofo aranzel,
Em mil pedacinhos
Eu faço o papel.

Por mais que forceje
Não posso escrever;
Quem vir este livro
O que há de dizer?

Chamar-me pateta,
Por grande favor;
E dar-me patente
— De mau palrador.

Se for *literato*
Farsola, brejeiro,
Impando dirá:
Sempre é sapateiro.

Mas eu que conheço
Mesquinho que sou,
Da minha *fachada*
Desfrutes não dou.

Suplico de vós,
Meu caro senhor,
Não queirais o mal
Do triste cantor,

— No álbum do Vate
De grande saber,
Um pobre tarelo
Não pode escrever.

Janeiro — 1859.

A UNS COLARINHOS

Era na estação calmosa,
De novembro o mês corria,
E da tarde as horas sete
Da Sé no bronze batia.

Já do sol o clarão frouxo
Desmaiava no horizonte,
E penumbro se esparzia
Pelas cimeiras do monte.

Das trevas a soberana
Desdobrava o pátio escuro,
E a dourada luz diurna
Nos alpes pairava a duro:

Quando a nós se dirigiram
Três mancebos mui galantes,
Belos, dengues, adamados,
Ricos, nobres e chibantes.

De entre os três um, que gamenho
Se amostrava com vigor,
Era um lindo figurino,
Com luxo, garbo e primor.

Oh! que par de colarinhos!
Grita, ao vê-lo, um capadócio,
Vêm pendentes do cachaço
Daquele pobre beócio!

Cala a boca, tagarela,
Exclamou mais um terceiro,
— Aquilo que vês é fronha,
Vestida num travesseiro!

Alto lá! bradei altivo,
Fora, a bulha, isto é sofisma;
Não é fronha, são manípulas
Que o prelado usa no crisma.

Ou segundo o Cobarrubias,
Que é jurista de quilate,
São as pernas das ceroulas,
Do gorducho do *Mirati*,

E se turraram na disputa,
Semelhante ao grande Evandro,
Provarei que são as folhas
Do projeto do Timandro.

Ou conforme outros autores,
Que nos vêm de barra-fora,

Fraldas são de ampla camisa,
Ou anáguas de Senhora.

SEREI CONDE, MARQUÊS E DEPUTADO

Pelas ruas vagava, em desatino,
Em busca do seu asno que fugira,
Um pobre paspalhão apatetado,
Que dizia chamar-se — *Macambira*.

A todos perguntava se não viram
O bruto que era seu, e *desertara*;
Ele é sério (dizia), está ferrado,
E tem branco o focinho, é *malacara*.

Eis que encontra postado numa esquina,
Um esperto, ardiloso capadócio,
Dos que mofam da pobre humanidade,
Vivendo, por milagre, em santo ócio.

Ó lá¹⁷, senhor meu amo, lhe pergunta
O pobre do matuto, agoniado:
“Por aqui não passou o meu burrego,
“Que tem ruço o focinho, o pé calçado?”

Responde-lhe o tratante, em tom de mofa:
“O seu burro, senhor, aqui passou,
“Mas o guapo Ministro fê-lo presa,
“E num parvo *Barão* o transformou!”

Ó virgem Santa! (exclama o tabaréu,
Da cabeça tirando o seu chapéu)
Se me pilha o Ministro, neste estado,
Serei Conde, Marquês e Deputado!...

Notas

¹ Dados da biografia extraídos do *site* Instituto Luiz Gama, em 12 de janeiro de 2022. (N. E.)

² No exemplar de 1904: “Sam rithmas de tarelo, atropelladas”. (N. E.)

³ No exemplar de 1904: “presa”. (N. E.)

⁴ No exemplar de 1904, a palavra está assim grafada: “marmor”. Acreditamos que, apesar de não estar acentuada, é uma palavra paroxítona. Optamos, portanto, pela forma “mármore”, já que isso não compromete a metrificação. (N. E.)

⁵ No exemplar de 1904, está grafado “mas” e não “mais”. Não sabemos se foi um erro de revisão ou se o poeta tinha a intenção de dar uma característica adversativa ao “mais”. Portanto, optamos por manter o “mas”. (N. E.)

⁶ No exemplar de 1904, essa palavra não está de todo legível. Portanto, não podemos afirmar que é a palavra correta. No exemplar, lemos algo semelhante a: “alb’um”. (N. E.)

⁷ No exemplar de 1904, essa estrofe está distante da próxima estrofe, de forma que parece ser uma epígrafe. Por não indicar o nome do autor, conclui-se que é de autoria do próprio Luiz Gama. (N. E.)

⁸ No exemplar de 1904, está “azinha”. Em definição de dicionário, “azinha” é uma fruta. Já “asinha” é um advérbio que significa o mesmo que “depressa”. (N. E.)

⁹ Optamos por manter a grafia original, ou seja, “Pegaso” em vez de “Pégaso”, para não comprometer a rima. (N. E.)

¹⁰ No exemplar de 1904, está escrito assim mesmo: “hum”. Não sabemos, portanto, se a palavra é uma interjeição ou um numeral, já que, na época, era comum a escrita do número um com “h”. (N. E.)

¹¹ Aspecto. (N. E.)

¹² Registro. (N. E.)

¹³ Está pouco legível no exemplar de 1904. Supõe-se que seja a palavra “ano-sa”. (N. E.)

¹⁴ No exemplar de 1904, está grafado: “A menos”. (N. E.)

¹⁵ Decidimos manter a grafia original, em vez de corrigir para “Pégaso”, e assim não comprometemos a rima. (N. E.)

¹⁶ No exemplar de 1904, está grafado: “rithmas”. (N. E.)

¹⁷ Mantivemos a grafia do exemplar de 1904, por não ter certeza se devíamos atualizar a expressão para “olá”. (N. E.)